

Manoel Congo, líder da maior revolta negra do meio rural

O mês de novembro tem relevância história para a luta do povo negro no Brasil contra a discriminação e o preconceito de cor. Foi consagrado como o mês da consciência negra, desde que a partir de 1971 passou-se a comemorar - sempre em 20 de novembro - o Dia Nacional da Consciência Negra, com o objetivo de renovar a energia de Zumbi dos Palmares, “diluída nos ares”. É o mês ainda de uma rebelião de negros que estourou em Vassouras (RJ), no distrito de Paty do Alferes, e fez tremer os alicerces do regime escravocrata nas terras do café do estado do Rio de Janeiro. A revolta foi liderada por duas potências do movimento negro no país: Manoel Congo e Marianna Crioula.

Tudo aconteceu por volta da meia-noite do dia 5 de novembro de 1838, quando cerca de 300 escravos arrombaram as portas da Fazenda Freguesia, de propriedade do capitão-mor Manuel Francisco Xavier, e assassinaram os feitores. O grupo rumou em seguida para outra fazenda (Maravilha), também de Manuel Francisco, e lá saqueou comida e armas, arrastando “a pau, machado e fogo” a casa grande e o engenho. Essa revolta contou com a participação de cativos africanos e crioulos (negros nascidos no Brasil), trabalhadores domésticos e lavradores, reunindo homens e mulheres dispostos a pôr um fim às freqüentes humilhações perpetradas por fazendeiros da região.

A insurreição quilombola de Manoel Congo e Marianna Crioula foi a maior revolta negra do meio rural brasileiro, causando grande repercussão na corte, a ponto de ter deixado indignados os fazendeiros da província, surpreendidos com o fato de um bando de escravos maltrapilhos desafiar o modelo econômico e social pré-estabelecido pelos donos do poder da época.

Os insurgentes estavam dispostos a tudo para conquistar a liberdade: “Morrer sim, entregar não”. Revoltado e assustado com o poder e a força dos quilombolas de Vassouras, o fazendeiro Manuel Francisco Xavier pediu ajuda ao comandante local da Guarda Nacional. As expedições das tropas do coronel Manuel Peixoto de Lacerda Werneck, para destruir o quilombo e prender os revoltosos, não foram bem-sucedidas. A prisão de Manoel Congo e a destruição de sua insurreição, nos contrafortes da Serra do Mar, coube ao futuro Duque de Caxias, na época oficial Luiz Alves de Lima e Silva.

Com o fim da rebelião, Manoel Congo e Marianna Crioula foram presos e julgados. Os demais escravos que sobreviveram à repressão voltaram ao cativeiro e receberam a pena de 650 açoites parcelados, com aplicação por três anos de gargalheira com haste.

Marianna Crioula foi poupada da morte a pedido de sua proprietária Francisca Elisa Xavier, mas seu companheiro Manoel Congo não teve a mesma sorte. Foi enforcado em Vassouras em 6 de setembro de 1839. A exemplo de Zumbi, Manoel Congo também é considerado um símbolo da luta pela liberdade, pois histórias como a dele são exemplos de como os negros lutaram desde a escravidão pela sua dignidade. ◀

